

# CEDI

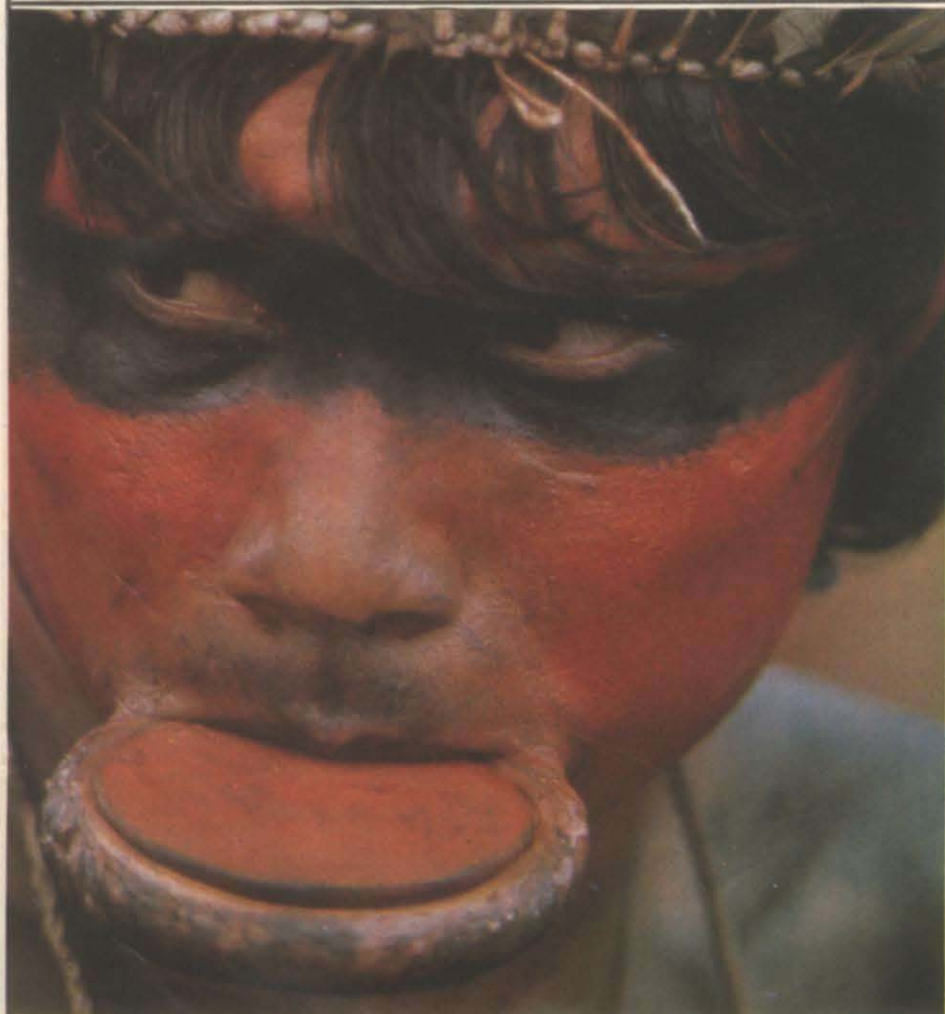
## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Borr Afinal

Class.: 01X-Quarantenas

Data: 30/09/86

Pg.: 49 736



Índio do Xingu: dentro de dez anos, talvez não haja mais essa cultura.

### Índios

## Antes que seja tarde

Um livro precioso retrata a cultura dos índios do Xingu

Os índios sabem exatamente como tudo começou: ali, no encontro das águas do Kuluene, do Batovi e do Ronuro para formar o Xingu, no território sagrado, o Morená, onde vive Mavutsini, o herói do qual todos descendem. Mas como tudo terminará?— esta é uma dúvida que não aflige apenas as tribos ainda preservadas do Alto Xingu, mas a um número cada vez maior de jornalistas e intelectuais, num País que esteve à beira de dizimar totalmente sua população indígena.

“Haverá futuro para os índios brasileiros?”, pergunta-se o acadêmico Arnaldo Niskier na apresentação do livro *Xingu*, de Washington Novaes. Fiando-se em números conhecidos — por exemplo, o Brasil já teve cerca de 1 milhão de índios, dos quais só sobrevivem 220.000 — a resposta não seria animadora. Mas Niskier reconhece no próprio livro uma boa contribuição para colocar o debate sobre a preservação da cultura indígena na Constituinte.

Principalmente porque o livro — numa preciosa edição em papel couché, com 152 fotos de alguns dos melhores fotógrafos do País (Luigi Mamprin, George Love, Maureen Bisiliat, Marco Santili, Ricardo Penna, Geraldo Guimarães, entre



No livro *Xingu* há 152 fotos

outros) — mereceu um lançamento que transcende os círculos culturais: o presidente da Olivetti (multinacional de origem italiana), Enrico Misasi, foi pessoalmente a Brasília levar os exemplares editados com o patrocínio de sua empresa. E conseguiu o comparecimento, ao Salão Negro do Senado, do presidente da casa, senador José Fragelli, parlamentares, representantes do Governo e da Funai.

BELO EXEMPLO — Além disso, o texto de Washington Novaes perpetua o alerta que já transmitira na série *Xingu*, apresentada pela TV Manchete: o perigo que corremos de eliminar do mundo um dos seus mais belos exemplos de organização de um povo. “Guarde bem tudo isso”, diz Novaes sobre as imagens transmitidas por texto e fotos, “pois a tecnologia do homem branco está chegando. Talvez daqui a dez anos você não possa mais reconhecer essa cultura.”

Não que os índios estejam dispostos a aceitar as “vantagens” de nossa civilização — à exceção de alguns poucos objetos, incluídos talvez os óculos de mergulho e pés-de-pato que o chefe Aritana usa, às vezes, para pescar no rio. Depois de entrevistar o pajé Raoni, Novaes descobriu por que ele acha o branco absurdo, em sua tentativa de tapar todos os poros da terra, envenenar os rios, queimar as matas e viver em gavetas enfumaçadas:

“Quando Raoni silenciar”, avisa Novaes, num texto em que propõe a conversa de um visitante com os povos do Xingu, “você com certeza estará pensando que é um absurdo, um despropósito, nós, brancos, nada fazemos para impedir que desapareçam culturas como essas do Xingu. Você terá mergulhado, ao longo da viagem, num mundo onde o tempo não existe nem é contado. Um mundo de homens que não precisam ser comandados por ninguém. Que não usam dinheiro em suas relações internas e construíram sociedades sem classes, sem ricos e sem pobres, sem palácios e sem favelas, sem prostíbulos e sem hospícios, sem cadeias e sem polícia. Homens que criam filhos independentes, com os quais não gritam e muito menos espancam. Homens que têm com suas mulheres uma relação tão respeitosa que nenhum dos dois usaria queixar-se do outro, quanto mais recriminá-lo.”

*Xingu* foi editado como uma tiragem de 5.000 exemplares para ser distribuído a universidades, representações diplomáticas, instituições culturais e personalidades escolhidas pela Olivetti. Mas, diante de um grande número de pedidos, a empresa já está planejando sua reedição.

RICARDO PENNA

MANCHETE